



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito	
Monique de Oliveira Serra	
Michelle de Sousa Bahury	
Luciano Torres Tricário	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa	
Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar	
Priscila Francisco da Silva	
Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE	
DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior	
Jéssica Gontijo Nunes	
Juliane Hirosse Malizia	
Mariana Araújo Bichuete Cavalcante	
Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA *LAVOURA ARCAICA*

Raphael Bessa Ferreira

Universidade do Estado do Pará, Departamento
de Língua e Literatura
Belém - Pará

RESUMO: Esse trabalho tem o objetivo de averiguar a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, o *Tanakh*; do Cristianismo, a *Bíblia*; e do Islamismo, o *Alcorão*; no romance *Lavoura Arcaica* (2005), de Raduan Nassar, valendo-se do diálogo entre tais escrituras de modo a observar como a obra brasileira revela-se um palimpsesto das lições sapienciais e tradições ancestrais das culturas abraâmicas. Utiliza-se como suporte teórico os estudos de Alter (2007), Bloom (2005), Pondé (2010) e Miles (1997) acerca da relação entre o sagrado e a literatura, e os conceitos de hipertextualidade de Genette (1982), que afirma ser o palimpsesto um incorporador ou modificador de vários outros textos, mais precisamente quando há a relação que une um hipotexto (texto de partida/escrituras sagradas) a um hipertexto (texto de chegada/*Lavoura Arcaica*). Por fim, algumas reflexões extraídas da fortuna crítica do escritor brasileiro, a partir das discussões de Ceccagno (2009), Coelho (2013), Nejar (2011), Sedlmayer (1997) e Teixeira (2002), serão entrelaçadas na pesquisa de modo a pontuar as temáticas ancestrais

permeadas no romance.

PALAVRAS-CHAVE: *Lavoura Arcaica*. Palimpsesto. *Tanakh*. *Bíblia*. *Alcorão*.

ABSTRACT: This work aims to investigate the incidence of sacred texts of the monotheistic traditions of Judaism, *Tanakh*; Christianity, *Holy Bible*; and Islam, *Qur'an*; in the novel *Lavoura Arcaica* (2005), by Raduan Nassar, using the dialogue between such scriptures in order to observe how the novel is a palimpsest of wisdom lessons and ancestors traditions of the Abrahamic cultures. The studies of Alter (2007), Bloom (2005), Pondé (2010) and Miles (1997), on the relationship between sacred texts and literature, are used as theoretical support; and the concepts of hypertextuality, by Genette (1982), which states that palimpsest is an incorporator or modifier of several other texts, more precisely when there is a relation that links a hypotext (starting text/sacred writings) to a hypertext/*Lavoura Arcaica*). Finally, some reflections extracted from the critical fortune of the Brazilian writer will be interwoven to punctuate in the research the ancestral themes presentes in the novel, mainly from the discussions of Ceccagno (2009), Coelho (2013), Nejar (2011), Sedlmayer (1997) and Teixeira (2002).

KEYWORDS: *Lavoura Arcaica*. Palimpsest. *Tanakh*. *Holy Bible*. *Qur'an*.

1 | INTRODUÇÃO

Em algumas obras da literatura universal, sejam elas em verso ou em prosa, verifica-se um fenômeno de amplo diálogo com textos outros, já consagrados, que lhes são antecedentes e fonte de influência. O legado que alguns textos deixam à posteridade diz respeito não apenas à sua própria história enquanto obra imaterial de grande força valorativa à humanidade, mas também à história de novas tessituras, que lhe são devedoras e herdeiras diretas.

O enredo de uma obra, as discussões que ela enseja, os estilos e as temáticas permeadas em sua escritura, tudo compõe uma identidade que pode, mais tarde, determinar novos percursos na produção artística mundial, podendo ser, portanto, fonte constante de diálogo com as gerações sucessivas, que, por sua vez, serão retribuidoras de seus antecessores. Harold Bloom (2005) nomeia este fenômeno de ansiedade da influência, que se reporta à constante e titânica luta entre o já canonizado, e balizado pela crítica, e os artistas posteriores, ou aqueles que tentarão, de algum modo, evitar a simples influência e também dependência dos seus “mestres” antecessores.

O *Ulisses*, de James Joyce, por exemplo, simula variados estilos de escrita já consagrados na historiografia literária no intuito de comportar uma espécie de “suma” de todos os códigos canonicamente estabelecidos, tudo isso com o objetivo de atualizar temas e *motifs* da *Odisseia*, de Homero. Ademais, a obra-mor de Joyce suscita, para além de uma mera releitura da epopeia grega, uma verdadeira sistematização das experiências literárias anteriormente traçadas, subvertendo-as, é claro, num exercício de apreender a totalidade da cultura humanística, sendo, portanto, um livro que veio à baila para acabar com todos os outros livros posteriores, o que já se mostra como característica oposta à *Odisseia*, que iniciou a literatura ocidental.

Do estilo shakespeariano, passando pelas técnicas de escrita filosófica, teológica, náutica, dentre outras; até chegar ao uso de recursos expressivos utilizados por toda uma cultura letrada ocidental, Joyce promove uma verdadeira panaceia literária para homenagear, e mesmo pôr em diálogo, vários escritores e modos de escrita. Não por acaso, são muitos os intertextos ocultos nessa obra prima da literatura.

Já na poesia, tal aspecto é nuclear nos *Quatro Quartetos*, de T.S.Eliot; e nos *Cantos*, de Ezra Pound. Se naquele há uma clara referência aos textos pré-socráticos (Heráclito, por exemplo), aos escritos hindus (*Upanhishads* e *Bhagavad Gita*) e aos textos exegeticos e teológicos da Igreja (vide Santo Agostinho); neste, a dispersividade de estilos e técnicas dos mais variados tipos de escrita literária criados ao longo da história da humanidade são jungidos num aglomerado impressionante de recorrências e uso de pastiches. Os *Cantos* são, de fato, a constituição de um imenso monumento literário de nossa época, como afirmou Otto Maria Carpeaux (2011).

Na literatura brasileira, Machado de Assis, principalmente nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, fez um apanhado de textos clássicos esteticamente alinhados ao erudito discurso do narrador-personagem da obra. A *Bíblia*, os moralistas franceses,

os textos historiográficos da vida privada greco-romana, os escritos sagrados do cristianismo e outras tessituras clássicas são alguns dos muitos recursos intertextuais dos quais o bruxo do Cosme Velho se valeu ao tecer sua obra capital.

O uso de elementos temáticos e estilísticos já hegemonzados por um autor, ou por uma obra já canonizada na história da cultura mundial, encontra em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar (2005), um ponto de culminância na literatura brasileira até então. As ressonâncias árabes, bem como as bíblicas e judaicas, se fazem presentes no romance não somente ao resgatar-se temas da cultura do Médio Oriente, mas também ao simular o estilo textual dos livros do *Velho* e do *Novo Testamento*, e também das Suratas do *Corão* islâmico.

Com essas possibilidades de diálogos ancestrais e sagrados inclusos no tecido romanescos nassariano, depreende-se à obra não apenas um mero jogo intertextual, no qual a simples alusão a outros textos faz remeter à interpretação global das camadas inferiores de sentido da trama, mas também a toda uma gama de variações intermitentes no estilo e nas variadas técnicas empregadas no romance brasileiro, que aglutina a forma das narrativas ancestrais sagradas dos povos abraâmicos.

Como já havia sido apontado por Sabrina Sedlmayer, em *Ao lado esquerdo do pai* (1997), “Podemos constatar que a filiação desse romance pertence muito mais ao tronco literário inaugurado pelos arcaicos caracteres hebraicos, os precursores das histórias e dramas, do que à narrativa mitológica dos gregos. (SEDLMAYER, 1997, p.51). E Carlos Nejar apontara, em sua *História da Literatura Brasileira*, para as vozes ancestrais do Oriente Médio imbuídas na *Lavoura*, de Nassar: “Um sentimento incestuoso e interdito invade o livro, que é, sim, um coro de ancestralidades, em prosa alegoricamente poética. Uma exuberante língua de vozes soltas e animais que vão ao poço, à memória” (NEJAR, 2011, p.911)

Sendo assim, não pode ser alheia à interpretação da obra o método de escavação e procura dos substratos intertextuais imbuídos na lavoura de Nassar. Afinal de contas, qual um mosaico complexo e composto por múltiplas camadas textuais, o palimpsesto nassariano comporta em si mesmo um texto de chegada, sendo um hipertexto, enquanto que as escrituras sagradas se configuram como textos de partida, ou hipotextos, como bem formulou Genette (1982).

Dessa forma, uma leitura atenta de *Lavoura Arcaica* em constante diálogo com os textos sagrados do cristianismo, do judaísmo e do islamismo, faz-se de suma importância para desvelar-se a planta-baixa ancestral presente no estilo e nas temáticas íntimas ao texto de Nassar. Não por acaso, como bem pontou Antônio Magalhães: “Um texto nunca é mero desdobramento de outro, ele é também sua ampliação ou redução” (MAGALHÃES, 2000, p.206).

Ou seja, a transmissão das tradições, fonte primária das questões postas no romance de Nassar, é matéria tanto da relação dialogal existente entre os textos influenciadores (como o *Tanakh* judaico, a *Bíblia* cristã e *Alcorão* islâmico) quanto modo definidor dos aspectos criativos, e não menos responsivos, perpetrados pelo

escritor brasileiro em meio ao embate de sua obra com as escrituras mote de sua de origem, os seus verdadeiros antecessores e influências diretas.

2 | NOS CAMINHOS HEBRAICOS DA LAVOURA DE NASSAR

Os ensinamentos e as doutrinas hebraicas presentes em *Lavoura Arcaica* são muitas, mas destacam-se, sobretudo, as provenientes da literatura sapiencial do *Quohélet* (*Eclesiastes*), dos *Provérbios* e do *Livro de Jó*, obras que compõem parte do *Tanakh*, livro sagrado no judaísmo e equivalente ao Antigo Testamento bíblico.

As três obras compõem uma modalidade de sabedoria a qual Harold Bloom destacou como “prudente e cética” (BLOOM, 2005, p.23), e todas refletem, em *Lavoura Arcaica*, uma síntese sapiencial da conduta dos homens diante da passagem do tempo, o marco do aspecto perecível da existência

2.1 Os ensinamentos do *Quohélet*

O *Quohélet*, também conhecido como *Eclesiastes*, é um livro pertencente à tradição judaico-cristã que, de forma filosófica e poética, incide reflexões sobre a finitude da vida e da nulidade do ser humano ante a sua existência. A experimentação do tempo, suas significações diante dos seres, sua efemeridade e traspasseamento provocam ao homem múltiplas situações questionáveis na sua relação com Deus.

Partindo da noção de que “tudo é vaidade”, de que tudo é mutável e fugaz, no embate eterno entre o tempo e os seres o *Eclesiastes* propõe-se a colocar o homem de volta ao seu lugar originário, abaixo e submisso a Deus, uma vez que Este é o responsável pela condução dos acontecimentos daquele. A descrença no orgulho mundano e no êxito como única obtenção de satisfação (a “vaidade”, portanto), leva o homem a distanciar-se da noção sagrada imposta pelo Deus de Israel.

Nada permanece, tudo muda. E no *Quohélet* a sabedoria incide justamente em discorrer sobre a fugacidade da existência e sua fragilidade banal, como nos *Eclesiastes*, 1:7: “Todos os rios correm para o mar, e o mar nunca transborda; embora cheguem ao fim de seu percurso, os rios sempre continuam a correr” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.860). A temporalidade infinita e a vida passageira marcam as relações humanas nos ensinamentos deste texto. Segundo Pondé, (2010)

A história se repete, iludindo-se aquele que pensa estar diante de algo novo: o humano é ancestral em seu afã de viver e nas suas paixões, apesar dos insensatos (categoria que descreve o humano que não sabe ser um punhado de pó que conhece seu Criador) não saberem disso. (PONDÉ, 2010, p.203)

No nono capítulo de *Lavoura Arcaica* há, em um dos sermões do pai, Iohaná, a discussão sobre o tema da força inabalável que é o tempo:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor, embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento, sem medida que o conheça, o tempo é, contudo, nosso bem de maior grandeza, não tem fim; é um pomo exótico que não pode

ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga” (NASSAR, 2005, p.51-52).

Em relação estrita, destaca-se que o *Eclesiastes* é, de fato, fonte primária para as reflexões do pai à mesa, vide o seguinte excerto, extraído da escritura sagrada:

Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa. Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras. Tempo para abraçar e tempo para se separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo para rasgar e tempo para costurar. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.861-862)

Em *Lavoura Arcaica*, ainda no sermão à mesa, o pai promove uma discussão de atribuição de características eloquentes ao tempo, personalizando este fenômeno natural: “o tempo sabe ser bom, o tempo é largo, o tempo é grande, o tempo é generoso, o tempo é farto” (NASSAR, 2005, p.56-57). As adjetivações impostas ao elemento natural personalizado, o tempo, remontam às frases e períodos oracionais do texto hebraico, que repetem os valores e virtudes do fenômeno, de modo a reiterar ao leitor aquela experiência do ritmo de vida mais “simples e vagaroso do antigo Oriente Próximo, cada ensinamento, cada predição, cada ação, tinha de ser repetida, palavra por palavra, com inexorável literalismo, de modo a ser obedecida, realizada ou relatada” (ALTER, 2007, p.137).

Vale destacar ainda que o sermão sobre o tempo está presente no capítulo de número 9 (nove) de *Lavoura Arcaica*, quantia de valor altamente simbólico no que diz respeito ao tempo, conforme conceitos místicos e esotéricos que provém de doutrinas sagradas: “o nove anuncia ao mesmo tempo um fim e um recomeço, isto é, uma transposição para um plano novo. Encontrar-se-ia aqui a ideia de novo nascimento e de germinação, ao mesmo tempo que a da morte” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.644).

Ora, a figura do tempo é a maior prova de tal argumento justamente por possuir em sua natureza um movimento cíclico, e não seria à toa que Nassar retoma o ensinamento do *Quohelet* para revalidar, justo no sermão do genitor da família, a função ritualística da transmissão de uma dada experiência, em tom sapiencial, remodelando-a, para tanto, à célere exposição por meio de vírgulas; diferentemente do texto hebraico, em que a anáfora ocorre por meio das pausas longas às quais o sinal do ponto incide ao ritmo do texto, mais lento e vagaroso.

Nesta relação com o tempo, a fugacidade torna-se questionável mediante os esforços e trabalhos do homem. Com isso, o questionamento é claro no *Eclesiastes* (1: 3): “Tudo é fugaz! Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.860). E na *Lavoura Arcaica*, em mais um sermão do pai, a resposta é óbvia: “não se deve contudo retrair-se no trato do tempo,

bastando que sejamos humildes e dóceis diante de sua vontade, abstendo-nos de agir quando ele exigir de nós a contemplação, e só agirmos quando ele exigir de nós a ação” (NASSAR, 2005, p.56).

2.2 Paciência e Sofrimento: Jó

O tempo, elemento principal na trama da narrativa nassariana, é símbolo da tradição, dos valores e dos costumes de um povo e de uma família. A paciência, imagem que simboliza também o tempo, se apresenta no romance enquanto inimiga de André, o personagem desgarrado da família e narrador da obra. Símbolo de sabedoria e virtude para o pai, Iohaná, a paciência, nas palavras deste, deve ser trabalhada e ensinada desde cedo em casa. Contudo, André, devido à força do amor materno, acolhedor e excessivo, torna-se, por conta própria, um personagem isento destes ensinamentos da paciência. Para Ceccagno (2009):

A tradição e a religião, portanto, não podem ser relacionadas à simbologia de uma luz excessiva, ofuscante. Essa luz é assim somente para o narrador, para quem a família e todos os elementos culturais que ela traz consigo são opressivos. A luz da família, no entanto, é melhor representada pela justa medida: nada faltando, nada em excesso. Pode-se, inclusive, relacionar essa justa medida à valorização da paciência, segundo a qual o indivíduo não pode controlar o tempo; deve, pelo contrário, esperar as sementes germinarem, sem jamais tentar apressar os frutos. (CECCAGNO, 2009, p.286)

Nota-se que nos ensinamentos presentes em *Lavoura Arcaica*, é pelos sermões do pai que ocorre reiteradamente a advertência à família sobre as proezas do tempo, bem como sobre os modos e meios sapienciais de experimentar tal condição. Contudo, vivenciar esta experiência mostra-se uma condição sofrível por excelência, visto exigir do ser um constante trabalho de resistência, e de aceitação de uma força inabalável:

Meu pai sempre dizia que o sofrimento melhora o homem, desenvolvendo seu espírito e aprimorando sua sensibilidade; ele dava a entender que quanto maior fosse a dor tanto ainda o sofrimento cumpria sua função mais nobre; ele parecia acreditar que a resistência de um homem era inesgotável. (NASSAR, 2005, p.171)

Se o livro de Jó é a pura *teologia do sofrimento*, como aborda Jack Miles (1997), então é evidente no romance brasileiro a presença de uma verdadeira elucubração acerca do sofrimento diante do tempo, das adversidades da vida e da consequente paciência exigida no convívio com a perfectibilidade da natureza, tornando-se mote de especulação do texto literário. Não é mero acaso, por exemplo, o que se depreende da frase do pai, Iohaná: “é através da paciência que nos purificamos, em águas mansas é que devemos nos banhar, encharcando nossos corpos de instantes apaziguados” (NASSAR, 2005, p.57).

Ora, se a relação de paciência com o tempo abole quaisquer sentimentos sofríveis ao ser, nada mais evidente do que concordar com a aceitação de que “O livro de Jó é um livro sobre santidade” e que santo “é aquele que se esquece de si mesmo e se aproxima da Santidade” (PONDÉ, 2010, p.207). Daí o aspecto sagrado que a filosofia

hebraico-cristã pontua à existência mediante a prática virtuosa de humildade diante do divino, do convívio com o tempo e da relação com Deus, como em *Jó*, 42: 6: “Por isso, eu me retrato e me arrependo, sobre o pó e a cinza” (BÍBLIA SAGRADA 1997, p.670).

O sacrifício do homem deverá dar-se ao redor da união familiar, segundo palavras proferidas pelo pai em sermões à mesa, e o confronto com o tempo, tanto quanto o respeito inerente à sua experimentação, pressupõe habilidade intuitiva e destreza de submissão durante o contato com o fascinante, pois “[...] é forte quem enfrenta a realidade” (NASSAR, 2005, p.164). E as lições do patriarca fazem ressoar na tessitura literária os ensinamentos sapienciais das tradições do Médio Oriente:

...e quanto mais engrossam a casca, mais se torturam com o peso da carapaça, pensam que estão em segurança, mas se consomem de medo, escondem-se dos outros sem saber que atrofiam os próprios olhos, fazem-se prisioneiros de si mesmos e nem sequer suspeitam. (NASSAR, 2005, p.145).

2.3 A Sabedoria dos *Provérbios*

Como visto, o texto nassariano se vale do diálogo com a tradição hebraica do *Eclesiastes* (o *Quohelet*) e do livro de *Jó* para discorrer reflexões sobre o tempo, o trabalho e a paciência. Entretanto, a estes textos sagrados pode-se ainda inferir no tecido romanesco do autor brasileiro a confluência formal, estilística e mesmo temática com os *Provérbios*.

Em muitos dos sermões do pai à mesa, Raduan Nassar emula a escrita de estilo aforístico dos provérbios de Salomão, e que possui o claro objetivo de ser matéria de instrução moral. Tome-se como exemplo o seguinte trecho do romance: “era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo” (NASSAR, 2005, p.41); que abertamente remete ao seguinte provérbio: “Quem diz a verdade proclama a justiça; a testemunha falsa proclama a mentira” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.843).

Novamente, e em discussão aberta sobre o tempo, Nassar se utiliza de determinado trecho proverbial hebraico de modo a encerrar uma meditação acerca da prudência: “Não adianta agir sem refletir, pois quem apressa o passo acaba tropeçando” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.848); que no romance é retomado com certa similaridade em algumas passagens, fazendo alusão à mensagem de ensinamento do provérbio: “ninguém em nossa casa há de dar nunca o passo mais largo que a perna: dar o passo mais largo que a perna é o mesmo que suprimir o tempo necessário à nossa iniciativa” (NASSAR, 2005, p.53).

O diálogo pai-filho conduz à estrutura narrativa do romance as discussões sobre tempo, tradição e ruptura da tradição. Há aí o confronto das palavras conservadoras e tradicionalistas do pai contra o discurso moderno e revolucionário do filho, que não obedece ao transcurso não-movente do tempo e da tradição. Isso fica evidente quando se toma à imagem do filho a intenção de vencer a temporalidade, a tradição, que é determinada “pelos desejos parentais de perpetuação da linguagem. Numa

perspectiva progressista, todo elemento segundo é filho do precedente” (DURAND, 2001, p.304). Daí Nassar enovelar em um capítulo específico da narrativa o diálogo pai-filho, qual um duelo, um combate entre ideias ora de disciplina e de ordem (pai), ora de contravenções e de desordens (filho): “- Não há proveito em atrapalhar nossas ideias, esqueça os teus caprichos, meu filho, não afaste o teu pai da discussão dos teus problemas.” (NASSAR, 2005, p.160); que se relaciona com a passagem proverbial: “Filho sensato aceita a correção do pai; filho insolente não escuta a repreensão” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.843).

O debate de ideias, que não deixa de ser um debate entre gerações distintas, sobreleva uma simples contenda de ideologias, já que, mais além, mostra-se uma composição tácita que remete aos provérbios da tradição judaico-cristã mesmo na discussão sobre um metadiscurso: “Quem muito fala acaba ofendendo; a pessoa prudente põe freio na boca” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.842); “Para que as pessoas se entendam, é preciso que ponham ordem em suas ideias. Palavra com palavra, meu filho” (NASSAR, 2005, p.158).

Se a exteriorização das ideias de André mostra-se matéria de debate à mesa familiar, não menos produtivas serão as objeções paternas ante aos modos e exposição do raciocínio do filho pródigo: “- Nesta mesa não há lugar para provocações, deixe de lado o teu orgulho, domine a víbora debaixo da tua língua, não dê ouvido aos murmúrios do demônio, me responda como deve responder um filho” (NASSAR, 2005, p.166-167); que encontra fonte nos seguintes ensinamentos proverbiais: “A boca sincera aplaca o ódio, mas quem espalha a calúnia é insensato” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.842); “Resposta calma aplaca a ira; palavra mordaz atíça a cólera” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.845).

A retórica paterna é caracterizada pela constante reiteração de orações imperativas, o que evoca ao tecido poético nassariano ecos das lições ancestrais do homem hebreu: “Tendemos a imaginar que, no ritmo de vida mais simples e vagaroso do antigo Oriente Próximo, cada ensinamento, cada predição, cada ação tinha de ser repetida, palavra por palavra, com inexorável literalismo, de modo a ser obedecida, realizada ou relatada.” (ALTER, 2007, p.137).

E chega a ser de todo essencial a conexão que se faz entre o discurso ordenador e centralizador paterno com os traços da linguagem dos provérbios, com suas sentenças pedagógicas e instrucionais. Exemplo é o trecho em que a repreensão paterna ao vinho, elemento propulsor da cólera de André, é diluída na fala do irmão mais velho, Pedro: “e nem você deve beber mais, não vem deste vinho a sabedoria das lições do pai” (NASSAR, 2005, p.38), que retoma o provérbio: “O vinho provoca insolência, e o licor causa barulho: quem se embriaga com eles não chega a ser sábio” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.848).

3 | EVANGELHOS CRISTÃOS DE LUCAS E MATEUS: PARÁBOLAS E METÁFORAS DO ESPLENDOR

Em se tratando dos sermões do pai, vale destacar a referência que Nassar faz ao Evangelho de Lucas, mais precisamente do capítulo 11 e dos versículos 34, 35 e 36, onde Jesus Cristo, ao falar sobre a estória de Jonas e a Baleia, tece um relato sobre a luz do corpo, os olhos: “E me lembrei que a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso” (NASSAR, 2005, p. 13), que retoma as passagens do Novo Testamento: “A candeia do corpo é o olho. Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas se for mau, também o teu corpo será tenebroso” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336); “Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te ilumina com o seu resplendor” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336).

Muito já discutido pela crítica, mas que não se pode deixar olvidar neste trabalho, é a retomada da parábola do *Filho pródigo*, quando o anseio por se tornar livre e independente faz com que o filho mais novo fuja de casa em busca de um mundo diferente daquele em que vive, à sombra do acolhimento do pai. A questão dos ensinamentos sobre o tempo e a revolta da juventude existe nos dois textos, claro que em *Lavoura Arcaica* tudo pode ser visto com mais clareza, haja vista a rebeldia de André para com o tempo, simbolizado pela figura do pai.

Cumprido destacar, também, a representação da figura da ovelha separada do rebanho, ou a simbologia da ovelha desgarrada, tresmalhada, que deixou-se perder. No romance, André é tido como o filho desgarrado, a quem Pedro teria de resgatar: “ele cumpria a sublime missão de devolver o filho tresmalhado ao seio da família” (NASSAR, 2005, p. 16). No Novo Testamento, antes de iniciar a parábola do filho pródigo, Jesus narra a parábola da ovelha tresmalhada:

Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e não vai após a perdida até que venha a achá-la? E achando-a, a põe sobre os seus ombros, gostoso; E chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336).

Há também no Evangelho de Mateus uma alusão ao fenômeno da ovelha que se desgarrava das demais:

Se um homem possui cem ovelhas e sucede que uma delas se desgarrar, não deixará ele as outras noventa e nove na montanha para ir à procura da que se desgarrou? E se consegue reencontrá-la, na verdade, eu vos digo, ele sente mais alegria por esta do que pelas noventa e nove que não se desgarraram. (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1456).

Após o retorno do filho pródigo à casa, tem-se as seguintes frases proferidas pelo pai: “Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado”

(BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336); “Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336). Muitas vezes, a imagem da ovelha desgarrada é associada a André não só no sentido deste ter se perdido (separação familiar e espiritual), mas também no sentido de achar-se, encontrar-se, como é proposto por duas vezes na parábola do filho pródigo e na parábola da ovelha tresmalhada. Em *Lavoura Arcaica*, por exemplo, o pai diz: “Abençoado o dia da tua volta! Nossa casa agonizava, meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria!” e também “aquele que tinha se perdido tornou ao lar, aquele pelo qual chorávamos nos foi devolvido” (NASSAR, 2005, p.148-149).

4 | NAS PÁGINAS CORÂNICAS DO ISLÃ: LIÇÕES DO TEMPO E DA VIDA

O diálogo de *Lavoura Arcaica* com o *Alcorão* é perceptível em algumas passagens do romance. De modo mais preciso, também em alguns sermões do pai, que à esta altura já se mostra como o personagem verbalizador das tradições e dos ensinamentos das três religiões monoteístas vindas do Oriente Médio.

Teixeira (2002) já havia considerado que a prosa nassariana bebe da mistura entre linguagem bíblica e corânica, dando destaque ao estilo aforístico e pedagógico sobre os assuntos interditos (como o incesto, por exemplo). Todavia, se o *Corão* é o mais recente dos três livros sagrados com os quais o romance dialoga, não é de se estranhar que dele Nassar também retoma ensinamentos sobre o tempo, como nas reflexões acerca da semente, do semeador e da natureza vivencial do homem, analogias da união familiar: “e pode haver tanta vida na semente, e tanta fé nas mãos do semeador, que é um milagre sublime que grãos espalhados há milênios, embora sem germinar, ainda não morreram.” (NASSAR, 2005, p.161). Este trecho faz a ponte hipertextual, enquanto planta baixa, da Surata 48, versículo 29, “Al Fath – O triunfo”: “[...] como a semente que brota, se desenvolve e se robustece, e se firma em seus talos, compraz aos semeadores, para irritar os incrédulos” (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.310).

Já as metáforas e simbologias da passagem do tempo, do nascimento, crescimento e morte (o ciclo da vida), podem ser exemplificadas no seguinte trecho da obra brasileira: “ninguém ainda em nossa casa há de dar um curso novo ao que não pode desviar, ninguém há de confundir nunca o que pode ser confundido, a árvore que cresce e frutifica com a árvore que não dá frutos, a semente que tomba e multiplica com o grão que não germina” (NASSAR, 2005, p.167). Nota-se que as imagens da semente, dos grãos, do plantio e do cultivo da terra (objetos de trabalho comuns à vida na lavoura) são constantemente retomadas no discurso paterno, nos sermões à mesa, cuja fonte provém da Surata 18, versículo 45, “Al Cahf – A Caverna”: “Expõem-lhes o exemplo da vida terrena, que se assemelha à água que enviamos do céu, a qual se mescla com as plantas da terra, as quais se convertem em feno, o qual os ventos

disseminam” (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.181).

E na alegoria da relação pai-filho, Nassar, mais uma vez, faz reverberar em seu texto a tradição familiar árabe, que celebra a união, apesar dos constantes conflitos existentes nesta relação, como no trecho do retorno de André à casa: “Vamos festejar amanhã aquele que estava cego e recuperou a vista!” (NASSAR, 2005, p.169), resgatando a Surata 93, “ADH DHUHA – As horas da manhã”, versículos 6, 7 e 8: “Porventura, não te encontrou órfão e te amparou? Não te encontrou extraviado e te encaminhou? Não te achou extraviado e te enriqueceu?” (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.387), bem como a Surata 80, “ÁBAÇA – O austero”, versículos 24 a 36:

24 – Que o homem repare, pois, em seu alimento.

25 – Em verdade, derrubamos água em abundância,

26 – Depois abrimos a terra em fendas,

27 – E fazemos nascer o grão,

28 – A videira e as plantas (nutritivas),

29 – A oliveira e a tamareira,

30 – E jardins frondosos,

31 – E o fruto e a forragem,

32 – Para o vosso uso e o do vosso gado.

33 – Porém, quando retumbar o toque ensurdecedor,

34 – Nesse dia, o homem fugirá do seu irmão,

35 – Da sua mãe e do seu pai,

36 – Da sua esposa e dos seus filhos. (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.372-373)

Coelho (2013) afirma que, embora escrevendo em português, Raduan Nassar insufla ao seu romance um poder fundador e sagrado, proveniente da caligrafia árabe, revelando ainda que é através de uma “escrita estilizada/metafórica (pontuada de ‘sinais’, como os do *Alcorão*)” que o autor “visaria eternizar no tempo sua profunda verdade humana/existencial, singular visão de mundo em choque com a Lei do Pai” (COELHO, 2013, p.862). O que se observa nos trechos alegóricos das Suratas corânicas e em *Lavoura Arcaica* é que a natureza, com suas plantas, folhas e frutos, é sempre assemelhada aos laços familiares, tendo nos filhos, ou nas sementes que representam a geração de sucessores, a transmissão de uma tradição, a herança da terra, os ensinamentos do trabalho e o saber sobre o tempo e a ordem (divina ou patriarcal). Forças volitivas que perpetuam os laços ancestrais, mantendo presa ao

solo, e enraizada, a constância da vida: a união da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os palimpsestos milenares que Raduan Nassar retoma para compor o seu romance *Lavoura Arcaica* são não apenas fonte para o conteúdo da trama da obra como também para o estilo emulado de cada um dos livros sagrados ali escondidos, como o *Tanakh* judaico, a *Bíblia* cristã e o *Alcorão* islâmico. Esta efusão de vozes ancestrais remete a um modo ordenador da vida, que se manifesta nas falas, diálogos e reflexões das personagens do romance (principalmente na figura do pai). O que faz lembrar uma cultura há tempos reconhecida como fundante das práticas, hábitos e costumes ocidentais, cujo cerne é a família e a relação do homem com o trabalho, com o tempo e com a vida.

Os sermões paternos por si só já fazem transparecer as noções de ordem e de lei as quais as culturas hebraica, cristã e muçulmana solidificaram com o passar do tempo. O estilo retórico, misto de máximas sapienciais e reflexões moralizantes, emitidos pelo representante da tradição, o pai (ou o totem), resgata os traços expressivos da linguagem e da forma poética de um *Eclesiastes*, de uma parábola bíblica e mesmo de uma *Surata*, compreendendo ensinamentos e ideologias transmitidas de forma alegórica há gerações, e que, inegavelmente, ressoam a um tempo primitivo e sagrado.

E é nesse caminho de ligar-se novamente ao sagrado (o *religare*, religião) que a trama de Nassar se mostra herdeira dos livros expoentes da cultura abraâmica, sem, contudo, deixar de atualizar a novos tempos algumas das lições imbricadas ali. Tanto quanto outras obras que dialogam intertextualmente com seus predecessores, seja homenageando-os via paródia ou pura e simplesmente criticando-os de modo tácito, *Lavoura Arcaica* faz surgir uma voz contrária, que se quer divergente e combativa aos textos sagrados (seus textos de partida), contrapondo-se a eles e provocando uma disjunção semântica e hermenêutica às mensagens éticas e coercitivas daquelas escrituras: a mensagem da revolta de um novo homem, de uma nova sociedade e de uma nova ordem.

Contudo, Raduan Nassar faz tudo sem deixar de prestar o devido tributo àqueles que auxiliaram no fabrico de sua obra, promovendo não só o trânsito dos textos de origem (*Tanakh*, *Bíblia* e *Alcorão*) ao texto de chegada (o romance), como ainda fez inverter o fluxo desta trajetória, visto ser hoje *Lavoura Arcaica* um texto de partida aos livros sagrados. Tal diálogo intertextual deixa agora rastros do romance nassariano às obras futuras e também aos seus antecessores, que serão, a partir de então, leituras complementares ao esclarecimento da urdidura de seu mosaico médio-orientalista.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO SAGRADO**. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA** - Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1997.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência** - uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- _____. Hebreus: Jó e Eclesiastes. **Onde encontrar a sabedoria?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p.23-43.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Vol. IV. São Paulo: Leya, 2011.
- CECCAGNO, Douglas. Lavoura arcaica e suas oposições simbólicas. **Letrônica**. Porto Alegre. V. 2. N. 1. p.280-292. Jun-Dez. 2009.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos** - Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. **Escritores Brasileiros do Século XX** - um testemunho crítico. Taubaté: LetraSelvagem, 2013.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.
- MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras** - teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MILES, Jack. **Deus**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira** - da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **Contra um mundo melhor** - ensaios do afeto. São Paulo: Leya, 2010.
- SEDLMAYER, Sabrina. **Ao lado esquerdo do pai**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- TEIXEIRA, Renata Pimentel. **Uma lavoura de insuspeitos frutos**. São Paulo: Annablume, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1



9 788572 473781